

A PSICOLOGIA

e a exploração

DA PERCEPÇÃO, COGNIÇÃO, EMOÇÃO E PERSONALIDADE



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

A PSICOLOGIA

e a exploração

DA PERCEPÇÃO, COGNIÇÃO, EMOÇÃO E PERSONALIDADE



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico 2

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P474 A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico 2 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-769-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.694211512>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A Psicologia, em sua origem, se estruturou tomando por base os estudos filosóficos e fisiológicos das atividades consideradas psíquicas. Pensamento, emoção, volição, linguagem, percepção entre outras das consideradas funções superiores são foco nessa edição da Coleção *A psicologia e a exploração da percepção, cognição, emoção e personalidade* que reúne, nesse volume, vinte e um artigos com resultados de trabalho de pesquisadores dos mais diversos países.

Essas pesquisas abordam esses fenômenos a partir de várias atuações do psicólogo, quer seja em equipes multiprofissionais, quer seja autonomamente, em clínicas, escolas, na saúde, e em trabalhos de ordem social. Espero que todos tenham uma boa leitura e que estas pesquisas possam propiciar enriquecimento e abertura da visão dos mesmo sobre novos aspectos da vida psíquica.

Boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TRAVESSIAS EM O FILME DA MINHA VIDA @ UN PADRE DE PELÍCULA Sandra Beck da Silva Etges  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115121	
CAPÍTULO 2	8
A DEVASTAÇÃO FEMININA NO CORPO DE FRIDA KAHLO Larissa Tainá Barbosa de Lima Heloisa Maria da Silva Castro Gabriella Dupim  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115122	
CAPÍTULO 3	23
JANE AUSTEN: ROMANCES OU MANIFESTOS FEMINISTAS? Ellen Ramos Prudente Jacir Alfonso Zanatta  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115123	
CAPÍTULO 4	36
ALGUNOS LÍMITES DE LA MENTIRA, CONSCIENTE E INCONSCIENTE Andrés Joaquín Seballos Vergara  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115124	
CAPÍTULO 5	42
SÍNDROME DE AMOK EN UN CUADRUPLE CRIMEN, ACTING OUT E IMPULSIVIDAD PATOLÓGICA Bernat-Noël Tiffon Nonis  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115125	
CAPÍTULO 6	48
TRASTORNO PSICÓTICO DELIRANTE, CONSUMO DE TÓXICOS Y ASESINATO CON ALEVOSÍA Y ENSAÑAMIENTO Bernat-Noël Tiffon Nonis  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115126	
CAPÍTULO 7	55
ASESINATO INDUCIDO DELIRANTEMENTE POR UNA “FOLIE À DEUX” Bernat-Noël Tiffon Nonis  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115127	
CAPÍTULO 8	60
BLOCO DE NOTAS TERAPÊUTICO: UM CAMINHO PARA A FELICIDADE E BEM-ESTAR Paula Isabel Gonçalves dos Santos	

Jorge Rodrigues Saraiva
Edgar Martins Mesquita
Marta Silva Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115128>

CAPÍTULO 9..... 71

ESTUDIO EXPLORATORIO SOBRE EL BIENESTAR PSICOLÓGICO EN PERSONAS DE LA TERCERA EDAD

Blanca Leonor Aranda Boyzo
Francisco Jesús Ochoa Bautista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115129>

CAPÍTULO 10..... 82

DOBLE FILICIDIO POR SUICIDIO AMPLIADO (FRUSTRADO) DE UN SUJETO AFECTO DE DEPRESIÓN MAYOR PSICÓTICO Y TRASTORNO DE LA PERSONALIDAD DEPENDIENTE

Bernat-Noël Tiffon Nonis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151210>

CAPÍTULO 11 94

O USO DE REDES SOCIAIS COMO MEIO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EM TEMPOS PANDÉMICOS: PROJETO SAÚDE E AMBIENTE EM AÇÃO

Luiz Felipe dos Reis Neves
Marlon Estevan Marcelino Tinoco
Letícia Mercêdes Gomes Correia Martins
Rafael Douglas Inácio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151211>

CAPÍTULO 12..... 109

DETECCIÓN DE ANSIEDAD EN USUARIOS DE SERVICIOS DE SALUD EN UNA POBLACIÓN MEXICANA

Blanca Leonor Aranda Boyzo
Francisco Jesús Ochoa Bautista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151212>

CAPÍTULO 13..... 116

SUICÍDIO DE FUMICULTORES NO RIO GRANDE DO SUL

Jovana Bernardt
Tatiana Dimov

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151213>

CAPÍTULO 14..... 128

RELATO DE CASO CLÍNICO: PACIENTE COM DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS – DISCUSSÃO DA EFETIVIDADE PSICOTERAPÊUTICA EM ASSOCIAÇÃO AO TRATAMENTO FARMACOLÓGICO

Regiane Cristina do Amaral Santos
Glaciane Sousa Reis

Luiz Filipe Almeida Rezende
Keila Luiza dos Santos
Vanessa Lima de Oliveira
Thais Mikaelly Almeida Pereira
Patricia Carine Silva Almeida
Lidiane Ferreira da Silva
Camila Feitosa Oliveira
Pedro Carvalho Doudement Neto
Lustarllone Bento de Oliveira
Karen Setenta Loiola

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151214>

CAPÍTULO 15..... 137

BI-FACTOR HIERARCHICAL MODEL OF PROCRASTINATION: PRESENTATION AND INITIAL EVIDENCE OF VALIDITY

Cristiano Mauro Assis Gomes
Mariana Prates Rozenberg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151215>

CAPÍTULO 16..... 157

HIPNOSE NA PSICOLOGIA MODERNA

Celia Martins Cortez
Danielle Viana Magalhães

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151216>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 175

ÍNDICE REMISSIVO..... 176

CAPÍTULO 3

JANE AUSTEN: ROMANCES OU MANIFESTOS FEMINISTAS?

Data de aceite: 01/11/2021

“A sociedade tem certos direitos sobre nós” (Austen, Jane)

Ellen Ramos Prudente

Formada em Jornalismo pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) 2018. Atualmente é estudante do curso de História na mesma instituição. Faz parte do projeto de Pesquisa “Pelos Olhos da Literatura” e desenvolveu esta pesquisa pelo Pibic como bolsista, com bolsa fornecida pela Universidade Católica Dom Bosco (UCD) <http://lattes.cnpq.br/4018994077317451>

Jacir Alfonso Zanatta

Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) 2017. Mestre Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) 2012 e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) 2002. Possui graduação em Psicologia - Formação de psicólogo pela Universidade Católica Dom Bosco (2009), graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1996), graduação em Filosofia - Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (1991). Coordenador dos grupos de pesquisas sobre “As Doenças da Alma” e “Pelos Olhos da Literatura”. Leciona nos cursos de Filosofia, Jornalismo e Publicidade e Propaganda <http://lattes.cnpq.br/0694810432645761>

RESUMO: O machismo fez e faz parte da vida de todas as mulheres que já existiram e ainda vão existir. Pelo sistema patriarcal em que a humanidade foi construída, as mulheres já foram impedidas de trabalhar, de escolher seus próprios companheiros ou companheiras, seus corpos eram e são objetificados e suas mentes subjugadas. A autora inglesa Jane Austen, que viveu no período vitoriano imprimiu em suas obras, que fazem sucesso até os dias de hoje, sua indignação pela forma com que a mulher era tratada e era enxergada com utilidade apenas para o casamento e procriação. O presente trabalho procura analisar a figura feminina em *Orgulho e Preconceito*, *Razão e Sentimento*, *Mansfield Park*, *Emma* e *Persuasão*, cinco obras que a autora publicou em vida. Neste artigo é possível observar como a escritora usa da narrativa romântica e de personagens icônicos para fazer uma grande crítica à sociedade elitista da época. Em suas obras é possível observar como o único lugar digno para uma mulher estar no período vitoriano era o casamento e como o amor era deixado para segundo plano e as aparências eram tudo o que importava. É possível enxergar como Austen faz em todas suas obras uma crítica ao lugar que é imposto para a mulher e o que é esperado dela, sem que possa ter suas próprias vontades ou pensamento. O presente trabalho destaca a força da autora que lutou por meio de seus livros contra o patriarcado e que de uma forma irônica e sutil, disse tudo o que pensava sobre a instituição do casamento,

homens, dinheiro e aparências. Austen confronta a misoginia e o machismo, e mostra a força feminina por meio de suas personagens.

PALAVRAS-CHAVES: Jane Austen. Romance. Mulher. Feminino. Feministas

ABSTRACT: Sexism was and is part of every woman's lives that's has ever existed or will exist. Because of the patriarchal system on which humanity was built, women has been stopped from working, from choosing their on partner, their bodies were and are objectified and their minds subjugated. The English female author Jane Austen, that lived in the Victorian period has printed in her novels, that are success until these days, her indignation for the way women were treated and seen usefully only for marriage and procreation. This present paper intends to analyze the female figure on *Pride and Prejudice*, *Sense and Sensibility*, *Mansfield Park*, *Emma*, and *Persuasion*, five novels that the author has publish in life. In this article it is possible to observe how the author uses the romantic narrative and her iconic characters to make a big critic to the elitist society of the time. In these books it is possible to observe how the only fitting place for a woman to be in the Victorian period was the marriage and how love was left in the background and the appearances were everything that matters. It is possible to see how often Austen does in every novel of hers a critic to the place that is a seen as a woman's duty and what is expected from her, without her having opinions and thoughts. This paper highlights the strength of the author that fought through her novels against the patriarchy, and that with a ironic and sutil way, said everything that she thought about the institution of marriage, men, money and appearances. Austen confronts misogyny and sexism and shows the female power through her characters.

KEYWORDS: Jane Austen. Romance. Woman. Female. Feminists.

1 | INTRODUÇÃO

Jane Austen, uma das maiores e mais importantes autoras de todos os tempos, é conhecida principalmente por “Orgulho e preconceito”, obra que marcou a carreira da escritora, e assim como tantas outras histórias suas que foram para as telonas e ganharam o coração de quem se interessa pelo gênero de cinema romântico. Além da história de Elisabeth e Darcy, foram adaptadas também para o cinema “Razão e Sentimento”, “Emma”, “Mansfield Park” e “Persuasão”. Até sua obra inacabada “Sanditon”, em que a autora não conseguiu terminá-la devido ao agravamento da doença que a levou a morte, teve adaptação para uma série em streaming.

A importância das narrativas de Austen para os amantes de histórias de amor, é inegável, entretanto outra perspectiva de suas obras nem sempre são olhadas com critério. Nas cinco obras que a autora publicou antes de morrer é possível ver não apenas romance e finais felizes, mas o poder e a força feminina em um período tão misógino da história. Por meio de suas personagens, mostra como a sociedade da época era patriarcal, preconceituosa e fútil, se importando apenas com dinheiro e as aparências.

Jane Austen torna possível conhecer a história e a cultura da sociedade em que ela vivia, por meio da literatura. Através de seus vilões, mocinhas, heróis e covardes, nos

faz perceber como mesmo em um período tão machista em que o homem ditava o lugar da mulher, subjugando-a apenas para o casamento e para procriação, a mulher tinha sua força, seus próprios pensamentos e vontades. Nas obras, suas personagens principais lutam por seus ideais e têm os finais felizes que merecem, mesmo que na realidade não teria sido desta forma. A escritora foi uma mulher que encarou a misoginia de frente, recusou propostas, se negando a casar apenas pelas aparências. No lugar, casou-se com a literatura e até o último instante lutou, por meio de suas heroínas, para que o mundo seja um lugar mais amistoso para as mulheres, onde não apenas em seus livros, elas tenham um final feliz.

2 | METODOLOGIA

Neto (2017) afirma que a literatura se regula sobre a distinção de diferentes níveis de realidade. A obra literária poderia ser definida como uma operação na língua escrita que envolve mais de um nível de realidade. Em uma obra literária, vários níveis de realidade podem encontrar-se, mesmo permanecendo distintos e separados, ou podem fundir-se, soldar-se, encontrando uma harmonia entre suas contradições, ou formando uma mistura explosiva.

Por outro lado, Martins e Cainelli (2015) esclarecem que tanto a literatura como a história são modos de explicar o presente, inventar o passado, pensar o futuro, e utilizam estratégias retóricas para colocar em forma de narrativa os fatos sobre os quais se propõem abordar. Ambas são maneiras de representar questões que são pertinentes de uma determinada época. De qualquer forma, Martins e Cainelli (2015) comentam que ao utilizar a Literatura enquanto fonte se deve tomar os mesmos cuidados que toma ao lidar com todas as categorias de fontes, sendo necessário que se volte para ela de maneira adequada, entendendo que um livro é expressão tanto de um autor quanto de sua época e também de seus leitores, já que não se pode imaginar a Literatura sem levar em conta sua recepção. Esta pesquisa situa-se dentro de um viés qualitativo onde trabalharemos com análise de conteúdo.

Percebe-se então, que os estudos que utilizam como base a pesquisa qualitativa são as que se desenvolvem numa situação social rica em dados descritivos e que conseguem compreender a realidade de forma complexa e contextualizada. Lembre-se que todo dado, ainda que quantitativo, se aparece em pesquisa com seres humanos, tem significado e sentido, faz morada na linguagem e é passível de análise de corte hermenêutico. Flick (2009) ressalta que existem diferentes abordagens na análise de dados qualitativos. Algumas análises são mais gerais e outras mais específicas, mas todas possuem em comum o fato de serem baseadas na análise textual. Desta forma, é possível perceber que a pesquisa qualitativa envolve interpretação. No entanto, é bom lembrar que, na medida do possível, o pesquisador precisa tirar dos dados o que de fato significam, e não impor uma

interpretação com base em teorias preexistentes. Gibss (2009) alerta ainda para o fato de que se o pesquisador não tomar algum cuidado, ele pode deixar passar na sua análise, mais seus preconceitos do que as concepções dos entrevistados.

3 | O FEMININO E A FEMINILIDADE EM AUSTEN

Assim como todas as obras de Austen, seu maior sucesso, *Orgulho e Preconceito*, mostra que para a sociedade da época, encontrar um bom casamento para jovens mulheres era um assunto muito importante. A obra gira entorno deste mundo casamenteiro e a escritora evidencia como as meninas, após uma certa idade se tornavam um peso para suas famílias, e logo que elas se tornavam jovens o suficiente, a caça pelo “marido perfeito” começava.

Austen deixa muito evidente como a sociedade enxergava as meninas como um objeto. A única finalidade da mulher era a procriação, e este pensamento era tão arraigado no pensamento das pessoas da época, que poucas pessoas pensavam em casamento por amor. Até a maioria das mulheres aceitavam e viviam bem com esta condição, de que deveriam se casar bem, ter filhos e cuidar da casa.

O livro “*Orgulho e preconceito*” se apresenta na alta sociedade do final do século XVII, e início do século XIV, período em que viveu a autora, e mostra como se comportava as pessoas que viviam no universo das casas de campo, viagens a Londres e bailes. A trama gira em torno da família Bennet, onde um casal de origem não abastada cria suas seis filhas mulheres em um cenário onde aparência é tudo o que importa.

O maior objetivo da vida da mãe das cinco meninas, a senhora Bennet, é casar bem todas elas. Desde o início da obra é possível observar a crítica de Austen sobre o desespero da mãe em casar todas as filhas com rapazes ricos, antes que elas fiquem “velhas demais”. Logo no começo do livro um novo e rico rapaz de muda para a cidade e a mãe imediatamente começa a encontrar maneiras de apresentar suas filhas para o jovem homem.

A primeira frase da obra mais icônica da carreira de Austen resume muito bem essa necessidade principalmente das mães, em encontrar um marido rico para as filhas. Segundo Austen (1813/2019a, p.7) “É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar em necessidade de uma esposa”.

Essa necessidade da senhora Bennet em casar as filhas é bem evidenciada quando antes mesmo de conhecer o rapaz, sem saber como é sua aparência ou índole, já imagina uma maneira de casar uma das filhas mais velhas, Jane ou Elisa, com ele. O pai das moças, senhor Bennet, aparenta um pouco menos desesperado que a mãe para se livrar das meninas, mesmo assim entende que elas em pouco tempo vão se tornar um peso para eles, e admite que o rapaz que chegou na cidade há pouco tempo, pode ficar com qualquer menina que desejar.

O enredo do clássico se desdobra em volta do rico senhor Darcy e da segunda filha do canal Bennet, Elisabeth. Desde o primeiro momento em que o personagem masculino é apresentado ele é descrito como um homem orgulhoso e preconceituoso, e logo de início trata a jovem mal, julgando sua aparência. Outra frase muito conhecida de Austen é sobre a forma maldosa que o jovem Darcy trata Elisa. De acordo com Austen (1813/2019a, p.24) Elisabeth comenta: “Eu perdoaria facilmente seu orgulho, se senhor Darcy não tivesse mortificado o meu”.

A força de Elisabeth cresce durante toda a obra. A personagem principal foge de todos os padrões impostos pela sociedade de como uma jovem mulher deve se comportar. Não se diminui perto de nenhum homem, não é delicada ou calada. Desde o início encara Darcy de frente e não permite que ele a trate mal, não baixa sua cabeça e nem permite que digam o que ela deve ou não fazer. A personagem representa a liberdade que Austen gostaria que todas as meninas e mulheres daquele período tivessem.

Segundo Austen (1813/2019a) Elisa não se deixa subjugar por nenhum homem e nem se comporta como a donzela que a sociedade espera. Desta maneira, é colocada no lugar de rebelde, e julgada como difícil e insolente pela mãe e por muitas pessoas. Existe uma discrepância gigantesca pela forma com que Elisa age e como ela deveria agir, ela sempre comenta que se fosse casar, gostaria de se casar por amor, uma piada para todos no período.

A obra de Austen destaca como a mulher é ensinada desde criança sobre o seu lugar no mundo, um mundo dos homens, e sobre o que esperam de uma mulher:

Nenhuma mulher pode ser realmente considerada completa se não se elevar muito acima da média. Uma mulher deve conhecer bem a música, deve saber cantar, desenhar e falar línguas modernas a fim de merecer esse qualificativo, além disso, para não merecer se não pela metade, é preciso que possua um certo quê em sua maneira de andar, o tom da voz e no modo de exprimir-se (AUSTEN, 1813/2019a. p.42).

O casamento é sempre apresentado como uma necessidade para toda a menina, e nunca como o resultado de um relacionamento de afeto. O dinheiro é a única ferramenta que importa para a sociedade inglesa da época, os sentimentos pelo pretendente ficam em segundo plano e de acordo com Austen (1813/2019a, p.26) “Em noventa por cento dos casos uma mulher deve mostrar mais afeição do que ele realmente sente”, tudo isso para que ela possa conquistar um casamento proveitoso, com um marido rico e de boa família.

Na obra, é apresentada a personagem Charlotte, melhor amiga de Elisa, uma jovem moça de 27 anos, considerada velha, feia e pobre de mais para arranjar um marido. A mulher possui um pensamento muito realista sobre o casamento da época:

A felicidade no casamento é apenas uma questão de sorte. Mesmo que os noivos conheçam mutualmente suas tendências, mesmo que essas tendências sejam semelhantes, isso nada contribui para a felicidade posterior. As diferenças que se acentuam como tempo, são sempre suficientes para que

se venha a sofrer o seu quinhão de amargura; é melhor conhecer o menos possível os defeitos da pessoa com a qual temos de passar a vida (AUSTEN, 1813/2019a. p.27).

Um outro assunto importante tratado na obra é sobre herança. As mulheres não tinham direito a herança de suas famílias apenas por seu gênero. A casa em que morava a família Bennet em Longbourn não ficaria para nenhuma das cinco meninas, ou para a mãe, caso o pai falecesse. A propriedade seria entregue para o parente vivo mais próximo, senhor Collins. O rapaz tinha a intenção de casar-se com uma das meninas Bennet e se manter na casa com a futura esposa até o casamento, e pensava o mesmo, estar fazendo uma boa ação para a família:

Dispondo de uma boa casa e de um rendimento mais que suficiente, senhor Collins tencionava casar-se; e sua intenção, ao se reconciliar com a família de Longbourn, era justamente escolher uma das filhas de seu parente, caso fossem tão bonitas e amáveis como se dizia. Estas eram as reparações que tencionava oferecer em troca de sua futura apropriação de Longbourn. Achava esse plano excelente, conveniente, excessivamente generoso e desinteressado da sua parte (AUSTEN, 1813/2019a. p.73).

Senhor Collins desejou casar-se com Elisa, e a mãe disse que a obrigaria a casar para que a propriedade pudesse se manter na família. A jovem, desde o começo, repudia a ideia, por senhor Collins ser desagradável, avarento e por não ter sentimentos por ele. Depois de muito choro e desavenças com a mãe, o pai a permite não aceitar o casamento para o desgosto da mãe. Austen (1813/2019a, p.85) destaca a fala de senhora Bennet para Elisa: “Se você continuar a recusar todas as propostas de casamento desde modo, nunca encontrará um marido. Eu não sei quem vai sustentá-la depois que seu pai morrer”.

Charlotte, acaba se casando com o primo da amiga por falta de opção:

Senhor Collins não era a bem dizer nem sensato nem agradável. A sua companhia era cansativa. E a sua afeição por ela devia ser imaginária. Mas mesmo assim seria seu marido. Sem grandes ilusões a respeito dos homens ou do matrimônio, o casamento sempre fora seu maior desejo; era a única posição tolerável para uma moça bem-educada, de pouca fortuna. E por mais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a forma mais agradável de ficar ao abrigo da necessidade. Essa proteção, agora obtivera. Tinha 27 anos e jamais fora bela. Sabia que tivera sorte (AUSTEN, 1813/2019a. p.123).

Orgulho e Preconceito é muito mais que um romance, é um manifesto feminista. É uma crítica à sociedade da época em que vivia Jane Austen, e ao patriarcado que insistia em impor um lugar para a mulher e em como ela devesse agir. Depois do desenrolar da trama, Elisa acaba se casando com Darcy, por amor. Segundo a autora, suas heroínas, após muitas atribulações, sempre iriam ter o final que seus corações desejassem. O final que a maioria das meninas e mulheres não tiveram neste período, o final que a própria escritora não teve.

Razão e Sentimento foi o primeiro lançamento de Jane, em 1811. A princípio, a

escritora assinava suas obras como “by a lady”, o que quer dizer “por uma moça”. No período, uma mulher publicar um livro era algo inimaginável para uma moça de família da alta sociedade e tal ação poderia trazer vergonha e desgraça para seus entes queridos. Apenas posteriormente as pessoas acabaram descobrindo quem era a moça responsável pelas obras críticas e românticas.

Nesta obra, mais uma vez Austen detalha o pouco direito que as mulheres tinham no período em que vivia e como sem a proteção de um homem (pai ou marido), não eram nada. Razão e Sentimento conta sobre a história de Marianne e Elinor Dashwood, duas meninas que perdem o pai ainda cedo e ficam sozinhas no mundo com sua mãe. Como são apenas mulheres, a herança da família, a casa, acaba ficando com o irmão paterno, que se mostra egoísta e pouco amável com as irmãs.

A falta de empatia e de escrúpulos do irmão mais velho é descrito na obra como culpa de sua esposa. É visível como a escritora mostra que naquela sociedade, o homem não assume responsabilidade por nada, nem por suas próprias ações. A própria índole e caráter do irmão é atribuído à sua esposa. Austen (1811/2019b, p.55) aponta que “Se tivesse uma esposa mais cordial, ter-se ia tornado ainda mais digno do que era: talvez viesse a ser bondoso, já que se casara muito jovem e muito apaixonado pela mulher”.

Pela falta de consideração pela parte do irmão, Elinor, Marianne e a mãe acabam se mudando para um lugar mais distante, modesto e que não conhecem ninguém. A família é bem recepcionada pelos vizinhos, e desde o início da chegada das mulheres no novo cenário é possível ver como a autora descreve a futilidade da sociedade local e como as aparências é o que mais importa.

Paralelo a trama principal, várias personagens mulheres são apresentadas na obra, e por meio delas é possível ver tamanha a injustiça social e violência de gênero velada sofrida por elas. A pressão do patriarcado é tão grande, que atitudes machistas são aplicadas a todo o momento nessa obra, muitas vezes reproduzidas até pelas mulheres.

Como é o exemplo da personagem Senhora Parker que sofre uma grande indiferença por parte do marido, e ela encara tamanha falta de respeito e carinho como um tratamento natural e muitas vezes cômico. As ações masculinas quase nunca são julgadas ou contestadas pelas mulheres. Austen (1811/2019b, p.80) aponta que “A insolência, o descontentamento, a estudada indiferença do marido não lhe causavam qualquer desconforto, e quando ele se zangava ou se mostrava grosseiro, ela parecia grandemente divertida”.

O sistema patriarcal da época se mostrava tão eficaz que as mulheres questionavam as palavras umas das outras. Elinor, após saber pela senhorita Lucy, que ela namorava Edward, seu pretendente, escolheu acreditar o que pensava ser Edward, e não na palavra de uma mulher. Segundo Austen (1811/2019b, p.191) “Elinor, sem saber o que dizia; mas, após um momento de reflexão, acrescentou com renovada confiança no amor e na honra de Edward e na falsidade da companheira”.

Este descrédito da palavra feminina por uma outra mulher é possível ser vista

também neste trecho:

Lucy era viva por natureza; suas observações eram quase sempre justas e divertidas; e, como companhia por uma meia hora, Elinor achava em geral agradável; mas seus talentos não tinham recebido ajuda da instrução, pois ela era ignorante e de poucas letras, e suas deficiências intelectuais, sua falta de informação sobre assuntos mais vulgares, não poderiam passar despercebidos pela senhorita Dashwood, apesar das constantes tentativas da outra em se mostrar em plano superior. Elinor percebeu (e teve pena dela) o mau aproveitamento de suas habilidades, que uma boa instrução teria tornado respeitáveis; mas viu, com menos ternura, a total carência de finura, de retidão, de integridade de espírito que suas ações, solitudes e lisonjas para com os da mansão traíram. Elinor não podia experimentar nenhuma satisfação duradoura na companhia de alguém que conjugava a insinceridade a ignorância, cuja falta de instrução impedia uma conversação em termos de igualdade, e cuja conduta para com os outros tornava qualquer deferência para com ela perfeitamente sem valor (AUSTEN, 1811/2019b, p.127).

Em outra citação da autora é possível ver como ela destaca a futilidade da sociedade da época e como aparentar ter uma vida de luxo e feliz era muito importante. Austen (1811/2019b) dá muito destaque para os relacionamentos superficiais e como a arrogância era uma característica muito presente na personalidade da elite inglesa do período. A figura masculina é extremamente criticada pela autora, os personagens homens da escritora são, na maioria das vezes, caracterizados como superficiais, interesseiros, arrogantes e preconceituosos, as personas masculinas agradáveis são exceções em suas obras.

Em *Razão e sentimento* é possível ver esta superficialidade masculina muito presente, e por conta de um histórico patriarcal, tais comportamentos eram vistos como comuns até pelas mulheres. Uma situação assim é possível ser vista neste trecho:

Elinor tivera pouco contato com o Sr. Palmer, e vira neste contato restrito tão variadas maneiras de tratar com ela e a irmã. Não sabia o que esperar da sua atuação no seio da própria família. Achou, no entanto, que ele se comportava como um perfeito cavalheiro para com as visitas, e só ocasionalmente se mostrava rude para com a esposa e a sogra; considerava-o perfeitamente capaz de se revelar uma companhia agradável; impedia-o apenas sua grande tendência a sentir-se muito superior às pessoas em geral, como soía acontecer em relação à sra. Jennings e a Charlotte (AUSTEN, 1811/2019b, p.286).

A obra da autora de 1814, *Mansfield Park*, marca, segundo alguns críticos literários, o amadurecimento da escritora. Neste livro o tom de Austen é bem mais contido que as obras lançadas anteriormente, *Mansfield Park* trás, diferentemente de *Orgulho e Preconceito* e *Razão e sentimento*, uma heroína sem as qualidades fortes que as personagens principais anteriores traziam como independência, atrevimento e força.

Fanny Price é o oposto de tudo isso, ela é apresentada como uma menina extremamente frágil e tímida, o que pode mostrar as leitoras de Austen que para ser uma protagonista, tanto na literatura, quanto na realidade, não é preciso ter características que muitas vezes são exigidas das heroínas nos romances históricos. Segundo Austen

(1814/2019c) Fanny é uma menina de origem extremamente pobre que é adotada pelos tios abastados e se muda ainda muito jovem para longe dos pais e irmãos em Mansfield Park.

Embora os tios tenham prometido à família da menina que tomariam conta dela como se fosse sua filha, tal realidade não se concretiza. Fanny é a todo momento inferiorizada por sua origem humilde, e humilhada inúmeras vezes, tanto pela parte dos tios que a adotaram como pelas primas. Os tios a acolhem, mas agem como se estivessem fazendo um favor à família de Price e a ela, e não por afeição à menina.

Fanny era dita a todo momento que se tratava de uma menina inferior em relação as primas que acabava acreditando em tal situação. É possível observar por meio desta fala de Austen (1814/2019c, p.38) “(Fanny) Adorava ouvir relatos sobre os divertimentos dos primos, em especial sobre os bailes, e saber com quem Edmund dançara, mas se sentia muito inferior para imaginar que algum dia pudesse ser admitida nessas festas, e assim ouvia tudo sem se ver como participante”.

A maneira como a personagem principal era tratada pelas primas, é destacado recorrentemente pela autora. A forma inferior que ela era vista pela sociedade, por ser de origem pobre, era afirmada sempre pelos familiares com quem ela foi morar. O que só enfatiza como as aparências e o dinheiro eram vistos como primordial no período. No seguinte trecho é possível enxergar como as primas diferenciavam Fanny por não ter berço, dinheiro ou os modos esperados de uma moça da sociedade da época.

Elas granjeavam simpatia e admiração geral porque, além da beleza e das brilhantes aptidões, possuíam modos naturais e afáveis, cuidadosamente moldados nos padrões da cortesia e da civilidade. A vaidade de ambas era tão tranquila que elas pareciam não perceber nem demonstrar qualquer ar de superioridade. Assim, os elogios captados por esse comportamento, confirmados e estimulados pela tia, serviam para fortalecê-las na crença de que não tinham defeitos (Austen, 1814/2019c, p.37).

Um dos temas mais tratados nas obras de Austen é o casamento. Conseguir um casamento considerado vantajoso para suas filhas, era o objetivo de vida da maioria das mães do período. É possível verificar nesta fala da personagem de Austen (1814/2019c, p.45) em que diz que “Gostaria de ver todo mundo casado, desde que de modo conveniente. Não gosto de ver as pessoas desperdiçando a vida, mas todos deveriam se casar assim que conseguissem fazer isso de modo vantajoso”.

É muito interessante observar a drástica forma em que a escritora critica o casamento arranjado em suas obras, e principalmente em Mansfield Park. Para uma moça do período, o casamento seria sua maior função que teria na vida, entretanto a escritora, com uma mente afrente de seu tempo e extremamente analítica, observava o casamento como uma instituição patriarcal e uma forma de fazer com que a mulher fosse propriedade de um homem.

Por isso em sua vida, com a benção de seu pai, Austen recusou todos os convites

de matrimônio que recebeu e se casou com a literatura. Ela e sua irmã, Cassandra, se recusaram a se tornar propriedades de alguém não se casaram. Por entender tudo o que o casamento arranjado significava na vida de uma mulher, trouxe a todas suas obras a crítica ao matrimônio e ao desespero das mães e das jovens em encontrar um noivo rico. É possível ver tal crítica no seguinte diálogo:

- Minha querida irmã – disse Marry -, se conseguir persuadi-lo a algo assim, eu ficaria encantada de me ver aliada a alguém tão inteligente, e só lamento que você não tenha meia dúzia de filhas para encaminhar. Para fazer Harry se casar seria preciso arranjar o endereço de alguma francesa. Porque tudo o que as habilidades inglesas conseguem fazer já foi tentado. Tenho três amigas que caíram de amores por ele, uma depois da outra, e ninguém imagina os esforços que elas fizeram, e as mães, mulheres muito inteligentes, além da minha querida tia e eu, para tentar chamá-lo a razão, bajulá-lo e convencê-lo a se casar (AUSTEN, 1814/2019c, p.44).

A obra de Jane Austen lançada em 1815, *Emma*, é considerada a obra mais completa da escritora até então. Assim como Austen mostra nas outras obras, *Emma* explana como a figura da mulher sempre aparecia estrelada ao casamento, mas desta vez, de uma forma diferente. Distinta de suas outras heroínas, que eram moças pobres, *Emma* é uma moça rica, e partindo deste lugar de privilégio em que o dinheiro encaixa *Emma*, Jane desenrola o enredo da história e como sempre, suas críticas sociais.

Por ser a única filha solteira do senhor Woodhouse, um velho rico e viúvo, *Emma* utiliza da vantagem que o dinheiro lhe dá, para afirmar que não irá se casar. A jovem afirma que nunca recorrerá ao matrimônio pois é uma menina rica e o dinheiro que herda do pai faz com que não precise ir atrás da estabilidade financeira que o matrimônio oferece para as mulheres. Austen (1815/2019d, p.5) afirma: “*Emma Woodhouse, bela, inteligente e rica, com um lar confortável e uma natureza alegre, parecia reunir algumas das melhores bênçãos da vida; e vivera quase vinte e um anos no mundo com muito pouco a afligi-la ou irritá-la*”.

Austen (1815/2019d) traz, de certa forma, uma força muito grande para a personagem, que encara os padrões da sociedade que insiste em demandar que o único lugar honrado da mulher é dentro do matrimônio, e *Emma* vai contra esse pensamento. Entretanto, é muito claro na obra que *Emma* só pode escolher não se casar, por sua situação financeira vantajosa, que a assegura e a protege pelo resto de sua vida.

Eu não tenho nenhum dos incentivos que as mulheres costumam ter para se casar. Se me apaixonasse, com efeito, seria diferente! Mas nunca me apaixonei; esse não é o meu jeito ou a minha natureza; e acho que isso jamais acontecerá. E, sem amor, decerto seria tola de alterar uma situação como a minha. Não me falta dinheiro, nem ocupação, nem posição; acredito que poucas mulheres casadas sejam tão senhoras da casa dos maridos quanto eu sou de Hartfield; e jamais, jamais poderia esperar ser tão verdadeiramente amada e importante, ser sempre a primeira e estar sempre certa aos olhos de qualquer homem como sou e estou aos olhos do meu pai (AUSTEN, 1815/2019d, p.56).

Infelizmente, no período vitoriano em que a obra se passa nem toda mulher tem o privilégio de Emma de escolher não se casar. A heroína desta obra, tem a benção do pai para não ter um marido, algo que era muito raro até para as meninas ricas, já que o matrimônio sempre foi visto como o único espaço digno de uma mulher. E para as moças pobres, se casar era a única esperança de proteção e estabilidade financeira, já tais meninas, quando passavam dos vinte anos, já eram vistas como peso para a família.

De acordo com Austen (1815/2019d), por sua decisão, Emma é vista por muitas pessoas como uma moça esquisita. Na obra, ela recusa diversos pedidos de casamento, que são encarados pelos homens como ofensa, como mostra o diálogo da personagem: “ah, claro!, - exclamou Emma -, é sempre incompreensível para um homem que uma mulher possa recusar um pedido de casamento. Os homens sempre imaginam que as mulheres estarão prontas para quem quer que lhes peça a mão" (AUSTEN, 1815/2019d, p.62).

Por muito rica e solteira, Emma tem muito tempo sobrando e assume o papel de casamenteira da cidade. E nessa função acaba se apaixonando e encontrando em um possível matrimônio, uma chance de felicidade que antes se recusava em enxergar. Nesta obra, Austen (1815/2019d) mostra como a instituição do matrimônio pode se tornar uma parte feliz da vida de uma mulher se a sociedade estendesse o casamento como uma união de duas pessoas que se amam e não um negócio.

Persuasão, obra da escritora de 1816, é o último livro que Austen publicou em vida. A obra foge um pouco do modelo de suas obras anteriores que são carregadas de humor e ironia. Persuasão, é, segundo os críticos literários, a obra mais séria e madura da escritora, que trás como personagem principal, diferenciando de suas heroínas anteriores, uma mulher mais madura.

A obra trata mais uma vez sobre o casamento e a posição da mulher na sociedade, mas neste livro, o assunto é abordado a partir do amor, de decisões ruins, manipulações e claro, persuasões. O livro se mostra mais sério que suas obras anteriores por abordar a história de uma jovem de 27 anos que sofre por ter abandonado o amor de sua vida, depois de ser persuadida a não se casar, apenas por ele ser pobre. Anne guardou o amor por Wentworth durante 8 anos e acabou se tornando uma jovem melancólica e apagada.

A obra, assim como todas as outras de Austen é uma crítica a personalidade fútil da elite da época. O livro, se torna denso por Austen (1816/2019e) apresentar ao leitor uma gama enorme de personagens extremamente desagradáveis e cruéis. Anne, uma personagem bondosa e que pensa sempre nas outras pessoas que em si mesma, é cercada por pessoas fúteis, interesseiras e egoístas como o pai, as irmãs e o primo.

Austen (1816/2019e) destaca mais do que nunca como o dinheiro e as aparências teve um lugar muito grande na vida das pessoas do período, já que Anne não aceita o pedido de casamento do homem que ama após ser persuadida por sua família, com a desculpa do rapaz não ser um homem de posses.

Diferentemente de Orgulho e Preconceito, em que a heroína descrita por Austen

é perspicaz, direta e forte o suficiente para não deixar seus sentimentos prevalecerem sua razão, Anne Elliot, donzela que estrela *Persuasão*, é demasiadamente inteligente, bondosa e sensata, mas com sua alma caridosa raramente faz prevalecer suas vontades, priorizando sempre, as necessidades e desejos daqueles que estão a sua volta, isso faz de Anne uma moça reservada, que sofre calada a perda de um grande amor.

Austen (1816/2019e) construiu os pensamentos da personagem de forma que a complexidade de Anne vai muito além de sua paixão por um homem. A garota é uma jovem aristocrata que vive rodada de convenções sociais, em que o papel da mulher deve se limitar ao cuidado do marido e da casa, sempre se atentando à sua imagem perante a alta sociedade. Mas Anne sabe que a sua felicidade vai de encontro com essas convenções, e é um questionamento constante e sutil que encontramos na escrita da autora.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a leitura das obras e da produção deste trabalho foi possível verificar, acima de tudo, como Jane Austen era uma mulher a frente de seu tempo. Conhecendo sua história, é impossível não relacionar com suas obras, já que a arte imita a vida. Muito mais do que histórias de amor, cenas românticas e felizes para sempre, suas obras tratam de maneira irônica e crítica um assunto urgente a ser tratado até os dias de hoje: o machismo.

No período vitoriano em que Austen viveu e que é cenário de suas obras, as mulheres tinham que viver sabendo que o seu futuro provavelmente seria se casar e formar uma família com um homem que não a agradava e que não tinha nenhuma afeição, apenas porque “as coisas são assim”. A autora, em todas as suas obras, critica grande mente esta falta de liberdade da mulher em escolher seu parceiro, em amar quem deseja, em ser quem quer ser e em se comportar como a sociedade esperam.

O romance, em suas obras, corresponde apenas a uma faixada criada pela escritora apenas para poder dizer o que realmente pensa sobre uma sociedade fútil, machista e preconceituosa. Em vida, Austen pregou tudo o que escreveu. Escolheu não se casar sem amor e se dedicou a escrever de uma forma que as pessoas entendessem que o lugar da mulher é onde ela quiser, e hoje, mais de dois séculos depois, suas obras fazem mais sentido e surtem mais efeito que nunca, ajudando mulheres a entender como o patriarcado estrutural ditou e dita até hoje nossas vidas.

5 | REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Emma**. volume 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1815/2019d.

Mansfield Park. volume 2. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1814/2019c.

Orgulho e Preconceito. volume 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira 1813/2019a.

Persuasão. volume 2. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira 1816/2019e.

Razão e Sensibilidade. volume 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira 1811/2019b.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho & CAINELLI, Marlene Rosa. **O uso da literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história.** In. **VII Congresso Internacional de História – XXXV Encuentro de Geohistoria Regional – XX Semana de História da UEM: políticas, culturas e narrativas na América Latina** - 06 a 09 de outubro de 2015. ISSN. 2175-4446. Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1318. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>

NETO, Anselmo Pessoa. **Os níveis da realidade em literatura de Ítalo Calvino.** Goiânia: UFG, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acting Out 5, 42, 46, 47, 53, 92
Adultos 1, 60, 63, 64, 67, 68, 72, 79, 110, 167
Agricultor 116, 119, 122, 123, 124, 125
alevosía 5, 48, 49, 54
angústia 1, 3, 5, 7, 18, 20, 21, 125
asesinato 5, 42, 48, 49, 54, 55, 56, 58, 59, 82

B

Bem-Estar 5, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 97, 165
Bienestar psicológico 6, 71, 78, 79

C

cannabis 48, 49, 52
cocaína 49, 50, 52, 164
consciente 5, 11, 36, 75
consumo de tóxicos 5, 48, 50
Corpo 5, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 159, 162, 164, 165, 167
cuádruple asesinato 42

D

Depressão 121, 124, 125, 129, 130, 133, 164, 167
desejo 1, 3, 4, 6, 10, 13, 15, 16, 18, 19, 28, 62
desórdenes mentales 109
Devastação 5, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21
Dor 1, 8, 10, 11, 12, 13, 17, 20, 165, 166, 172

E

Educação em saúde 94, 96, 97, 98, 105, 106
ensañamiento 5, 48, 49, 54

F

Felicidade 5, 4, 27, 28, 33, 34, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68
Feminino 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 24, 26, 60, 64, 66, 128, 130, 131
Feministas 5, 23, 24
filicidio 6, 82, 91, 92

“folie à deux” 5, 47, 53, 55, 59, 92

H

Hipnose 7, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

hipnose de procedimiento 157, 160, 161

hipnoterapia 157, 159, 160, 161, 162, 166, 167, 168, 169, 173

I

Impulsividad Patológica 5, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 83

inconsciente 5, 3, 11, 19, 20, 36, 37, 38, 40, 158, 159, 175

inducción al asesinato 55

inimputabilidad 55

Instagram 94, 95, 97, 98, 99, 104, 105, 106

J

Jane Austen 5, 23, 24, 28, 32, 34

Juventude 12, 60, 66, 68

L

luto 1, 6, 15

M

mentira 5, 36, 37, 38, 39, 40, 41

modelo multidimensional 79, 138

Mulher 8, 9, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 67, 164

N

Nivel de ansiedad 109, 111, 112, 115

P

penal 46, 53, 59, 82, 92

prevalencia 42, 109, 111

Procrastinação 137, 138

Promoção da saúde 6, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 107, 135

pruebas psicopatologicas 48

psicodiagnóstico 129, 136

psicofarmacologia 129

psicosis 48, 55

psicoterapia 129, 134, 135, 158, 159, 163, 164, 170, 172

R

Redes sociais 6, 1, 66, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 107

revisão 8, 63, 106, 157

Romance 24, 28, 34

S

Saúde Mental 8, 97, 98, 106, 107, 116, 121, 129, 130, 136, 173

servicios de salud 6, 109

Síndrome de Amok 5, 42, 43, 47

sintoma 1, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21

Suicídio 6, 116, 117, 118, 119, 121, 125, 126, 127, 132, 167

T

Tabaco 116, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127

tempo 1, 3, 5, 6, 10, 12, 13, 26, 27, 31, 33, 34, 63, 68, 105, 121, 132, 161, 163, 164

Tercera edad 6, 71, 72, 79

teste de autorrelato 138

transtorno obsessivo 129, 132, 133, 136

transtorno psicótico 129, 132, 133, 134

trastorno de la personalidad 6, 48, 49, 52, 82, 84, 89

trastorno delirante 55

trastorno depresivo mayor psicótica 82

Trastorno Explosivo Intermitente 42, 43, 44, 46

trastorno mental severo 55

V

validade de conteúdo 137, 138

A PSICOLOGIA

e a exploração

DA PERCEPÇÃO, COGNIÇÃO, EMOÇÃO E PERSONALIDADE



Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A PSICOLOGIA

e a exploração

DA PERCEPÇÃO, COGNIÇÃO, EMOÇÃO E PERSONALIDADE



Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 